



PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: O OLHAR DE PESSOAS IDOSAS INSTITUCIONALIZADAS

Aging process: the look of institutionalized elderly people

Proceso de envejecimiento: la mirada de los ancianos institucionalizados

Francine Radaelli¹
Arlete Eli Kunz da Costa²
Luís Felipe Pissaia³

RESUMO

Com o aumento nas taxas de envelhecimento populacional, torna-se necessário pesquisar e discutir os aspectos relacionados com as vivências e necessidades dos idosos perante a estadia nos espaços de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. Assim, o objetivo desse estudo é identificar e compreender como a pessoa idosa enfrenta e lida com o processo de envelhecimento estando em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, tendo como participantes cinco pessoas idosas residentes em uma Instituição de Longa Permanência para idosos localizada no Vale do Taquari/RS. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista individual, tendo seus áudios gravados e analisados com aproximação na Análise de Conteúdo. A realização da pesquisa ocorreu após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Taquari – Univates. A análise de dados seguiu aproximações com a análise de conteúdo de Bardin. Os resultados demonstraram que algumas das pessoas entrevistadas, que vivem na instituição, pensam que ser idoso é difícil, em decorrência das suas limitações e algumas perdas que obtiveram ao adentrar nesta fase da vida. Já outras apontam que é bom ser uma pessoa idosa e encaram a vida conforme a sua subjetividade e gostam de conviver na instituição em que residem. Sendo assim, percebe-se que ocorrem algumas dificuldades de aceitação dos participantes em relação ao envelhecimento do organismo, contudo é evidente a qualidade de vida atrelada a vida na Instituição de Longa Permanência para Idosos.

Palavras-chave: Envelhecimento. História de Vida. Instituição de Longa Permanência para Idosos. Pessoa idosa.

ABSTRACT

With the increase in population aging rates, it becomes necessary to research and compete with those related to the diversity and needs of the elderly in relation to the stay in the spaces of a Long-Term Institution. Thus, the objective of this study is to identify and understand how an elderly person faces and deals with the aging process in a Long Stay Institution for the Elderly. This is a qualitative research, having as participants five people from residents in a Long Stay Institution for the elderly located in Vale do Taquari/RS. Data collection was carried out through individual interviews, with their audio recordings and data being approximated in the Content Analysis. The research was carried out after the project of the Research Ethics Committee of the Vale do Taquari University – Univates. A data analysis provided approximations with a Bardin data analysis. The results, the occurrence of some occurrences of the people interviewed who live in the institution, are those that are common and the samples they obtained when entering their lives. Others point out that an elderly person is good and face a life according to their subjectivity and like to live in an institution in which they reside. Therefore, it can be seen that some adaptation difficulties are participants in a life evident to the organism, however it is the quality of life in the Long Stay Institution for the Elderly.

Keywords: Aging. Life's history. Long-stay Long-Term Care Institution for the Elderly. Elderly People.

RESUMEN

Con el aumento de las tasas de envejecimiento de la población, se hace necesario investigar y discutir aspectos relacionados con las vivencias y necesidades de los ancianos cuando se alojan en los espacios de una Institución de Larga Estancia para Ancianos. Así, el objetivo de este estudio es identificar y comprender cómo el anciano enfrenta y lidia con el proceso de envejecimiento estando en una Institución de Larga Estancia para Ancianos. Se trata de una investigación cualitativa, con la participación de cinco ancianos residentes en una Institución de Larga Estancia para ancianos ubicada en Vale do Taquari/RS. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas individuales, con su audio grabado y analizado utilizando el enfoque de Análisis de Contenido. La investigación se llevó a cabo después de que el proyecto fuera aprobado por el Comité de Ética en Investigación de la Universidad de Vale do Taquari – Univates. El análisis de datos siguió aproximaciones con el análisis de contenido de Bardin. Los resultados mostraron que algunas de las personas entrevistadas, que viven en la institución, piensan que ser anciano es difícil, debido a sus limitaciones y algunas pérdidas que tuvieron al entrar en esta etapa de la vida. Otros, en cambio, señalan que es bueno ser una persona mayor y enfrentar la vida de acuerdo a su subjetividad y disfrutar de vivir en la institución donde vive. Así, es claro que existen algunas dificultades en la aceptación de los participantes en relación al envejecimiento del organismo, sin embargo, es evidente la calidad de vida ligada a la vida en la Institución de Larga Estancia para Ancianos.

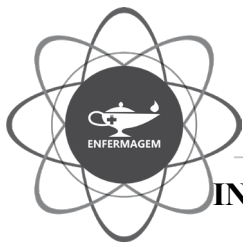
Palabras clave: Envejecimiento. Historia de vida. Institución de Larga Estancia para Adultos Mayores. Anciano.



¹ Psicóloga pela Universidade do Vale do Taquari - Univates - Lajeado, RS, Brasil. E-mail: francine.radaelli@universo.univates.br.

² Doutora em Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari - Univates - Lajeado, RS, Brasil. E-mail: arlete.costa@universo.univates.br <http://orcid.org/0000-0002-5655-3646>

³ Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari - Univates - Lajeado, RS, Brasil. E-mail: lpissaia@universo.univates.br <http://orcid.org/0000-0002-4903-0775>.



INTRODUÇÃO

A palavra envelhecimento carrega consigo um significado que muitas vezes causa estranheza ao leitor, em decorrência do seu conhecimento ser nulo referente a esta questão. No entanto, busca-se explicar brevemente este conceito conforme o dicionário digital Michaelis (2020), o termo envelhecimento é considerado ato ou efeito de envelhecer, processo pelo qual se dá aspecto de antigo a qualquer coisa ou pessoa.

No entanto, devemos sempre analisar todo o contexto e olhar para este sujeito de forma integral, internamente e externamente, pois talvez sua aparência física fosse conforme a sua idade cronológica. Pois bem, isto não significa que esta pessoa idosa possa estar no “fim” de sua vida, bem pelo contrário, ela carrega consigo uma longa história de vida em sua memória, o que de fato faz com que a mesma continue seguindo, na maneira que o seu corpo e a sua mente lhe permitem (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021).

Entendemos como velhice, tal afirmação:

O sentido da velhice consciente está, pois, para C.G. Jung, na diminuição das forças corporais e na aceitação das forças espirituais e em dirigir o olhar para dentro. Na alma está a riqueza da pessoa. A velhice nos convida a olhar para dentro de nós e lá descobrir o tesouro das lembranças e da riqueza interior que se expressa nas muitas imagens e experiências (GRÜN, 2008, p.14).

Após a criação da Lei nº 10.741 de 2003 – Estatuto do Idoso, a pessoa idosa ganhou espaço no cenário atual, bem como passou a ter os seus direitos regidos em lei. Isso não significa que a mesma possui seus direitos garantidos, seu espaço na sociedade e até mesmo que seja vista como algo útil. Esse espaço no cenário atual ainda precisa crescer e se aprimorar para ser reconhecido (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021). As pessoas precisam ter mais contato com os idosos, olhar para eles de uma forma diferente, onde os mesmos possam ser vistos como alguém com relevância (BRASIL, 2020).

Ainda, conforme dados obtidos em texto digital do Ministério da Saúde (2017), “um dos alertas é a alta taxa de suicídio entre idosos com mais de 70 anos. Nessa faixa etária, foi registrada uma média de 8,9 mortes por 100 mil nos últimos seis anos [...]”. Entretanto, podemos observar que não são todos os idosos que vivem a sua vida até que tenham saúde mental ou física para seguir em frente, muitas delas acabam por tirar a sua própria vida, seja por desgosto, abandono por parte de seus familiares, questões relacionadas a saúde mental e física, entre outros motivos que possam desencadear este momento de fraqueza (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021).

Diante dessa situação, surge à temática das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), as quais devem possuir uma equipe de diversas áreas da saúde, que atendam a toda demanda presente do institucionalizado, bem como o local e as condições físicas proporcionem uma qualidade de vida a esta pessoa (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021). Quando tratamos sobre ILPI entendemos que:



“[...] as ILPIs devem promover atendimento institucional integral, incluindo serviços nas áreas: social, psicológica, médica, odontológica, de enfermagem; fisioterapia; terapia ocupacional e outras, realizados em locais físicos adequados e equipados para proporcionar os cuidados necessários aos internos, mediante pagamento ou não, por período indeterminado. Além disso, devem dispor de um quadro de recursos humanos para atender às necessidades de assistência social, saúde, alimentação, higiene, repouso e lazer dos usuários e desenvolver outras atividades que lhe garantam qualidade de vida” (FALCÃO; ARAÚJO, 2011, p. 104).

Segundo Stroparo, Eidam e Czaikovski (2020) uma ILPI abarca diversas funções, dentre as quais a assistência e a gestão do cuidado da pessoa idosa, contudo a mesma apresenta-se como um “lar”, constituindo o reduto de diversas vivências para este ciclo vital. Ainda para Justo e Santos Peterle (2020) o ambiente de uma ILPI é construído a partir do relacionamento da equipe de saúde para com as pessoas institucionalizadas, compondo assim uma comunidade cercada de cuidados e humanização para com o atendimento.

A pessoa idosa, quando institucionalizada está ciente do ambiente que passa a transitar, articulando desta forma, a rotina e os sentimentos entre os seus, possibilitando a garantia de uma qualidade de vida digna e, em constante melhoria conforme Oliveira e Gonçalves (2020). Desta forma, Farias Oliveira *et al.* (2020) articulam a necessidade de preservar a rotina da pessoa idosa no ambiente da ILPI, pactuando com a equipe de saúde sobre as principais normas e situações oriundas do plano de cuidados do indivíduo, fortalecendo o vínculo e o desenvolvimento do autocuidado.

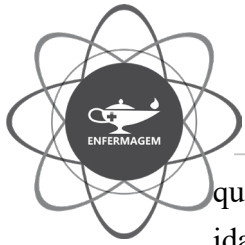
O ambiente de ILPI, conforme Guelli *et al.* (2020), estimula práticas de promoção e atenção à saúde, tendo como foco a construção de uma cultura de autocuidado e preservação das funções da pessoa idosa. O cuidado reverte em qualidade de vida da pessoa idosa, fortalecendo a garantia de um envelhecimento saudável e digo perante a legislação vigente (Barbosa *et al.* 2020).

Pensando neste cenário, se buscou oportunizar um olhar voltado as pessoas idosas que estão institucionalizadas em uma ILPI situada em um município do Vale do Taquari/RS. Este movimento, teve como objetivo identificar e compreender como a pessoa idosa enfrenta e lida com o processo de envelhecimento estando em uma ILPI.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente artigo tem uma abordagem qualitativa, que segundo Bardin (2016) “a análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais”. Por esse motivo, optou-se em utilizar essa abordagem para avaliar as respostas de forma particular de cada entrevistado.

Foram entrevistadas cinco pessoas idosas, sendo duas delas de 60 a 70 anos e as outras três de 70 a 80 anos, dos seis indivíduos que vivem em uma ILPI situada em um município do Vale do Taquari, região central do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Para participar da pes-



quisa foram levados em consideração os critérios de inclusão: possuir pelo menos 60 anos de idade comprovados conforme o Estatuto do Idoso; e estar institucionalizada pelo menos há seis meses na presente instituição. Referente ao critério de exclusão, este se configura na hipótese do institucionalizado possuir algum comprometimento cognitivo comprovado pelo local, constatado em prontuário através de laudo médico.

Diante dos critérios de inclusão e exclusão apresentados, durante a pesquisa cinco pessoas participaram da entrevista, pois uma participante dentre as seis foi enquadrada nos critérios de exclusão. Para a coleta de dados foi utilizado o instrumento de pesquisa elaborado pela pesquisadora, sendo ele uma entrevista semiestruturada com perguntas abertas e fechadas, levando em consideração a duração prevista de 30 minutos por entrevista.

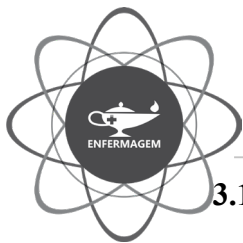
Antes da aplicação da entrevista, a pesquisa foi submetida para análise do Comitê de Ética e Pesquisa (COEP) da Universidade do Vale do Taquari- Univates, sendo aprovada por meio da CAAE: 26566519.7.0000.5310. O projeto foi aprovado também por meio de Carta de Anuência Institucional, a qual visa o consentimento e autorização da ILPI para realizar a pesquisa e auxiliar na apreciação do COEP. Após o consentimento do COEP, foi entregue aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que visa o consentimento deles a participarem da entrevista, podendo estes, a qualquer momento, optar pela desistência. Buscando preservar a identidade dos participantes, os nomes próprios foram substituídos por codinomes durante a realização das discussões desse estudo.

A entrevista seguiu um questionário base, semiestruturado e desenvolvido pelos autores da pesquisa. As questões buscam compreender o perfil dos participantes com informações como idade e gênero. A seguir questões visavam compreender os significados de envelhecimento, motivos pelos quais estão na ILPI e as vivências desenvolvidas no local. As entrevistas foram realizadas no espaço físico da ILPI, em sala reservada para tal finalidade e preservando o conteúdo do diálogo individual, o qual teve o seu áudio gravado e posteriormente transcrito.

Após aprovação e consentimentos dos envolvidos, as entrevistas realizadas foram gravadas e posteriormente o material coletado foi transcrito e analisado de forma individual. Para a análise do material coletado, foi utilizado a Análise de Conteúdo que, conforme aponta Bardin (2016), “Visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a análise das respostas obtidas através da entrevista com os idosos, foram elencadas as categorias temáticas. A primeira categoria é denominada de “O enfrentamento de pessoas idosas sobre o envelhecimento estando em uma ILPI”, seguida pela segunda intitulada “A vivência da pessoa idosa na ILPI”, a terceira que segue “Possuidores de histórias de vidas acompanhados de perdas” e, por fim “Não normatizar a identidade do sujeito na instituição”.



3.1 O enfrentamento de pessoas idosas sobre o envelhecimento estando em uma ILPI

Nesta categoria, buscou-se obter respostas em relação de como é ser uma pessoa idosa e como a mesma se sente em relação a esta fase da vida. Durante as entrevistas observou-se que alguns apresentaram respostas voltadas a fatores positivos e outros negativos. Conforme mencionado pela entrevistada A. 60 anos:

“É um pouco difícil, porque devido a um AVC que tive né, se não seria mais fácil. Porque era uma pessoa ativa, trabalhava, trabalhei 21 anos numa empresa sabe, de contabilidade e fazia ciências contábeis também. Aí depois me deu esse AVC onde atingiu a parte da cabeça sabe, eu sou muito esquecida e daí criei uma dependência física muito grande, porque eu não consigo caminhar direito, sabe”.

Como pode ser observado na fala de A., a mesma considera ser difícil envelhecer no contexto da sociedade em que a mesma vive. Por meio da sua fala, observamos que após este problema de saúde que desenvolveu com o passar do tempo, se considera impossibilitada de realizar algumas atividades as quais realizava antes de ter o Acidente Vascular Cerebral (AVC), criando assim, certa dependência. Após o ocorrido, a família optou por institucionalizá-la, em decorrência de esta precisar de um cuidado especial e pelos mesmos necessitarem trabalhar.

Conforme Eizirik (2013), as pessoas idosas também acabam obtendo perdas biopsicossociais inevitáveis, como por exemplo, algumas perdas nessa faixa etária em relação à saúde física, diminuição das capacidades, muitas vezes a perda da companhia e entre outras perdas. A partir dá ideia do autor, podemos identificar que A. obteve algumas perdas em sua vida e que estas são consideradas significativas pela entrevistada.

Em decorrência do AVC que A. teve, acabou impossibilitada de realizar muitas atividades, dependendo de uma pessoa para lhe auxiliar nos seus cuidados básicos, criando assim, certa dependência. De acordo com Cortelletti, Casara e Herédia (2004), devemos levar em consideração que a pessoa idosa que é institucionalizada enfrenta diversas mudanças em sua vida.

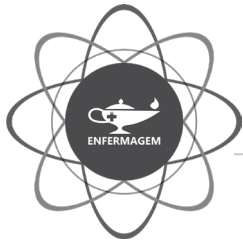
Podemos identificar ainda na fala da institucionalizada de que ela era uma pessoa ativa e desenvolvia suas atividades de forma autônoma, mas que hoje o fato desta depender de um terceiro para lhe auxiliar, lhe causa um pensamento voltado a uma insatisfação em relação a sua vida.

No relato de I. 80 anos, sobre o que é ser uma pessoa idosa, esta aponta que:

“É, eu me sinto bem, não mudou nada, só a idade (risada), porque não tem, não tem. O que eu quero, ser uma pessoa nova ou velha, tanto faz, a gente envelhece com o tempo, mas eu não me sinto diferente. Me sinto bem, com pessoas da minha idade, ou mais novas ou mais velhas, como de 90 anos, mas pessoas boas. Nada de intriga ou isso ou aquilo, pessoas boas, isso eu penso assim”.

Como podemos verificar neste relato em comparação com o anterior, há uma diferença entre elas em relação à percepção de como é ser uma pessoa idosa. Em relação a este ponto, Mucida (2009, p.72) refere que:

“Todas as reflexões nos indicam que o envelhecimento corporal não se processa igualmente para todos. Vários fatores se conjugam no envelhecimento corporal, como herança genética, cuidados com a alimentação, hábitos de vida, radicais livres, exercícios físicos, investimentos libidinais,



laços sociais, projetos, capacidade de suportar mudanças e os lutos necessários das perdas e modificações. Por sua vez, esses fatores se encontram ligados a reserva psíquicas, emocionais e aos traços pessoais com os quais cada um responde às modificações inevitáveis do envelhecimento”.

Sendo assim, podemos identificar que as pessoas enfrentam o envelhecimento de maneiras diferentes umas das outras, pois é necessário entender que cada indivíduo possui uma visão diferente a do outro, bem como histórias de vidas diferentes, algumas com um histórico de dificuldade e outras de facilidades. Isso não significa que a pessoa que viveu a sua vida sem enfrentar dificuldades, não vá viver a velhice de forma positiva, isso é um fator muito relativo, que se configura a partir das percepções de cada indivíduo. Ainda, Mucida (2009, p. 20) retrata que “Dessa forma, a velhice como escrita pressupõe que cada um escreve seu envelhecimento e sua velhice de forma completamente singular, com seu próprio estilo”.

3.2 A vivência da pessoa idosa com a IILPI

Nesta categoria, buscou-se entender como é viver em uma ILPI. Com a criação da Lei nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003 – Estatuto do Idoso, as pessoas idosas vêm adquirindo um espaço e um olhar referente aos cuidados e direitos voltados a elas. Esse é um fator positivo na vida daqueles que vivem o envelhecimento, pois os mesmos, perante a lei, possuem os seus direitos e também com esta lei conseguem muitas vezes garanti-los.

Posto isto:

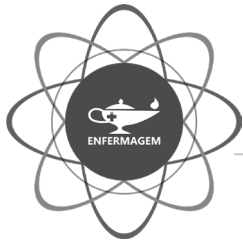
Art. 3o É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (MINISTERIO DA SAÚDE, 2003, s.p).

Com a criação do Estatuto do Idoso, o cenário vem se modificando e dando espaço às ILPIs crescerem na atualidade. Algumas famílias optam por institucionalizar seu familiar que se encontra em processo de envelhecimento, algumas vezes pelo fato da pessoa necessitar um cuidado redobrado em decorrência de um quadro de dependência, pois algumas não conseguem atender a essa demanda. Pelo fato de não possuir “tempo” de prestar o devido cuidado, em decorrência de necessitar trabalhar ou outras particularidades, acabam “depositando” o idoso em uma ILPI (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021).

Infelizmente algumas pessoas ainda visualizam a pessoa idosa como algo negativo em suas vidas, como pessoas sem serventia e acabam não prestando os cuidados necessários, deixando assim sob a responsabilidade do poder público. Quando isso ocorre e é identificado, esse familiar é responsabilizado judicialmente para com as suas obrigações (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021).

Dando segmento as entrevistas, identificou-se que a maioria dos participantes respondeu que viver neste local é algo bom. L. 76 anos relata que “*Eu acho bom, porque eles tratam a gente bem, tudo bem*”.

A participante I. 80 anos relata que:



“Melhor do que sozinha em casa, porque meu filho, minha nora, eles todos trabalham, então não tem como eles ficarem comigo e eles não tem lugar na casa deles. A casa deles é de dois pisos e daí tem escadas, tem isso, tem aquilo, então melhor não misturar as estações, cada um no seu canto. Isto eu acho bom, eu acho, eu penso assim”.

Diante de tais falas, evidenciou-se que morar na ILPI é algo positivo na vida destas pessoas. A partir da fala de I. 80 anos, podemos entender que no momento que esta refere que é melhor morar na instituição do que sozinha, temos presente o sentimento de solidão. Para possuir esse sentimento, não há uma idade específica, mas no envelhecimento, é mais comum à pessoa vivenciar este momento.

Conforme Grün (2008, p.35) “A solidão, porém, é mais um sentido de abandono, e, em muitas pessoas, isto se manifesta assim: não sabem mais o que fazer com o ficar só, parece que “o teto lhes caiu sobre a cabeça”, sentem-se “completamente abandonadas” [...]”. À vista disso, observa-se que esta pessoa idosa prefere permanecer nesta instituição a ter que viver sozinha, evitando assim o sentimento ou a sensação da solidão.

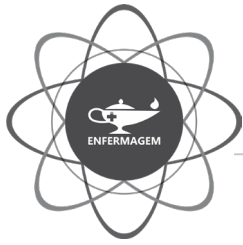
3.3 Possuidores de histórias de vidas acompanhados de perdas

Ao chegar nesta etapa da vida, entende-se que a pessoa idosa carrega consigo a sua história, bem como as vivências e também obteve perdas. No entanto, na presente pesquisa buscou-se entender como foi chegar nesta ILPI, há quanto tempo vive neste local e o que costuma fazer lá. Não se pode deixar passar em “branco” toda a história de vida que este sujeito possui, pois é nela que o mesmo se constitui enquanto ser humano (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021).

Analisando a vida do ser humano, sabemos que todos nós possuímos histórias de vidas, as quais são construídas por meio de vivências, princípios e ideais enquanto sujeitos. Assim sendo, cada um possui a sua subjetividade a qual compõe e forma a sua personalidade, mas ao convivermos com mais pessoas, necessitamos muitas vezes se enquadrar ao padrão do local e até mesmo abrimos mão de muitas questões que nos constituem enquanto sujeito.

Outro fator que devemos levar em consideração em relação ao sujeito que lá habita, é a questão da autonomia, como o mesmo lidará com esta questão estando institucionalizado? Pois bem, algumas acabam sentindo dificuldade em lidar com esta questão, pois muitas delas antes mesmo de ir para este local eram pessoas autônomas, as quais desenvolviam suas atividades domésticas, ida até mercado, trabalhos manuais, o seu próprio cuidado e entre outras questões.

O que pode acontecer ao longo da institucionalização é a perda desta autonomia, em decorrência do local possuir uma equipe com profissionais de diversas áreas da saúde, que no qual buscam atender de forma satisfatória todas as necessidades dos institucionalizados. Nesse sentido, buscou-se entender como foi para essa pessoa idosa chegar nesta instituição, tendo em vista que a mesma carregava consigo sua história de vida, seus gostos, preferências e até mesmo a sua rotina. Conforme relata G. 67 anos:



“Como eu disse, não foi fácil, tinha casa e não tenho filhos, eu era sozinha [...]”.
“Eu trabalhava em um serviço do Estado, fazia dilato grafias, contas médicas. Eu gostava. Faz três anos que tive problema de visão, logo que eu vim para cá”.

Através das falas de G., podemos observar que antes da mesma ser institucionalizada possuía a sua vida, a sua casa e vivia conforme a sua subjetividade. No decorrer da vida, a entrevistada veio a desenvolver deficiência visual, impossibilitando-a de continuar construindo a sua história de forma autônoma. Diante de tal problema de saúde, a mesma necessitou ir à busca de um auxílio terceiro para lhe prestar os cuidados necessários.

Conforme a fala de G., podemos identificar que ela está passando por um processo de perdas nesta fase da vida, pelo fato de verbalizar que não foi fácil a sua chegada à instituição, em decorrência de antes de desenvolver a deficiência visual realizava as atividades de forma autônoma, sem necessitar de alguém para lhe auxiliar. Assim sendo:

A autonomia inclui ainda liberdade de escolha, de ação e autocontrole sobre a vida. Portanto podemos considerar que a autonomia está diretamente relacionada à capacidade do indivíduo em ser dependente ou independente na realização das atividades da vida diária (DIOGO, 1997, p.59).

A pessoa idosa enfrenta a perda de autonomia e ao mesmo tempo está vivendo o processo de luto pelas perdas que obteve chegando nesta fase da vida. A deficiência visual, a perda da autonomia, a saída de sua casa e a perda do seu trabalho. Conforme a autora Mucida (2018, p.155), o processo de luto é:

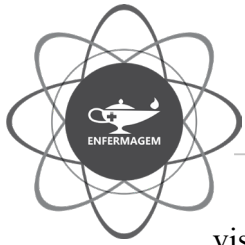
“Tudo isso toca a velhice de forma ainda mais dura. As perdas advindas com o envelhecimento/velhice exigem sempre um trabalho de luto pois é um momento no qual muito rearranjos que o sujeito teve para enfrentar o real desmoronam e com eles muitos dos ideais. Não podemos negar que, apesar de vivenciarmos perdas durante toda a vida, estas são mais frequentes a partir de certa idade [...]”.

Em referência a ideia de como foi chegar neste local, A. 60 anos relata que:

“A minha filha achou pela internet. Ao se adaptar, foi um pouco difícil. Eu fui em casa, passei o ano novo em casa, sabe daí eu gostaria muito de ficar em casa, aí como eu não tenho mais autonomia pra nada, aí eu não posso ficar [...]. Eu já estava em mais clínicas, duas ou três, mas daí conforme a filha foi se mudando, eu fui indo, morava em santa cruz, já tinha contato com clínicas”.

A partir da fala de A., mais uma vez fica visível o quão significativa é a perda nesta fase da vida, pois o sujeito precisa se “modificar” e tentar entender que questões como estas, acabam sendo próprias da velhice, mas é sabido que o processo e a identificação de tal questão muitas vezes são nulos.

Pensando em ILPIs, devemos levar em consideração que estes locais necessitam estar de acordo com o que o Ministério da Saúde estabelece, o qual “aprova normas e os padrões para o funcionamento de casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições destinadas ao atendimento de idosos, a serem observados em todo o território nacional”. Tendo em vista que todos os direitos da pessoa idosa que lá residir deve ser atendido, contando com uma equipe de profissionais de diversas áreas da saúde, bem como o espaço físico adequado para recebê-los (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021).



Na ILPI onde foram realizadas as entrevistas buscou-se identificar o tempo que os entrevistados residiam no local, sendo encontrada uma variação de tempo de seis meses, dois anos a três anos, fator este importante para a vida do sujeito que está institucionalizado, pois a partir do momento que a pessoa fica um período mais longo em uma única instituição, vai se adequando conforme as regras do local, conhecendo os profissionais que lá circulam, podendo assim criar vínculos e se sentir pertencente do local (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021).

Quando questionadas de como se sentiam neste local, relataram que se sentiam bem, como apareceu na fala de A. 75 anos, “bem. Porque eu to, to sem doença”. A entrevistada A. 60 anos relata que:

“Me sinto bem, apesar de muita saudade de casa, muita saudade de casa. Passei o ano novo lá, foi muito bom, mas como meu marido não aparece mais né, ele também tá envolvido com outra pessoa né, acontece. Mas ele também tá muito mal, nós morremos, eu e ele, só porque a gente tem 25 anos de casado né, daí acontece que ele se atropelo e daí ele acabou estragando a vida dele toda né”.

Conforme a fala de A. 60 anos, identifica-se mais uma vez a questão de perdas nesta fase da vida, como por exemplo, não poder escolher entre morar na sua casa ou na ILPI, o fim do seu casamento, rompimento deste em decorrência do seu parceiro envolver-se com outra pessoa. Neste caso, a institucionalizada traz nitidamente em sua fala que “nós morremos, eu e ele”, antes eram dois, agora não é mais nenhum. Diante disso, o luto se advém de diversas as formas. Posto isto, Mucida (2018) comenta:

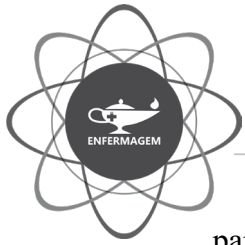
Por conseguinte, encontrar novas formas de inscrever e vestir o desejo é essencial. Aliás, não é outra coisa que fazemos ou somos induzidos a fazer desde que nascemos, e para isso necessitamos de recursos, que advêm também do Outro pelo olhar, pela voz, demandas que convocam o desejo. Aí está um ponto importante: muitos idosos são abandonados na completa solidão; seus corpos não são mais tocados, e, se o são, isso advém dos cuidados ao corpo doente e não ao corpo erogeinizado, habitado pelo sujeito (MUCIDA, 2018, p. 155 e 156).

No entanto, podemos visualizar que quando ela vivenciou o rompimento do seu relacionamento com o seu companheiro de 25 anos, a mesma enfrentou esse processo de luto e vem enfrentando, pois não encontrou novas maneiras de buscar o desejo, entendendo esse rompimento da relação como a morte de ambos, não visualizando outra saída, a não ser a “morte”. É desta forma que A. carrega consigo em suas memórias a sua relação com o Outro que satisfazia o seu real desejo.

Tratando ainda da questão de como a pessoa idosa se sente na instituição, L. 76 anos traz que:

“Eu me sinto bem. Porque to bem tratada ainda. Quando chega dias a minha filha me leva, fim de semana vou para outro minha filha lá em E..., vou lá para a minha casa. Agora amanhã vou lá para a minha casa, tem tudo. Meu filho tá lá. Meus filhos me trouxeram para cá, o que vou fazer se eles não tem mais tempo pra me cuida né e eles vem me visitar”.

Conforme relatado por A. 60 anos e L. 76 anos é possível identificar que ambas possuem a saudade de sua casa, porém no momento quem reside no local são os seus filhos. Ainda trazem em suas falas que eles não possuem mais “tempo” para cuidar delas. No entanto, percebe-se que neste caso as mesmas não tiveram escolha em ser institucionalizadas, bem como os seus filhos “terceirizaram” a responsabilidade do cuidado.



Quando ocorre essa terceirização de responsabilidade de cuidados dessa pessoa idosa para um terceiro, no caso a ILPI, muitas vezes essa pessoa vem acompanhada de um desemparo por parte da família. Refere-se que a família do institucionalizado acaba sendo a instituição, pois alguns filhos colocam e “depositam” o seu pai ou mãe neste local. Com o passar do tempo não visitam, não mantém o contato e assim vai se perdendo os laços afetivos familiares e vínculos, isso se de fato se em algum momento essa pessoa já possuiu (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021).

3.4 Não normatizar a identidade do sujeito na instituição

Na ILPI há regras a serem seguidas, rotinas, entre outras questões do cotidiano da vida. Dessa forma, buscou-se entender e apropriar-se das histórias de vidas das pessoas entrevistadas, como por exemplo, saber o que costumam fazer neste local e como se sente, e o que fazia antes de ser institucionalizado.

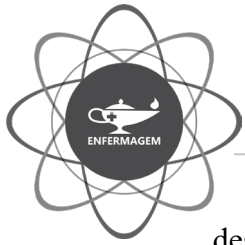
Foi possível observar através das falas das entrevistadas que as mesmas se sentem bem neste local. No entanto, durante o momento da realização das entrevistas, buscou-se observar o espaço físico com o intuito de identificar se o local proporciona qualidade de vida a quem lá reside.

Foi possível identificar de fato essa qualidade de vida, não somente pela observação do espaço físico, mas como o local é composto, o que o mesmo oferece, como os profissionais atendem à demanda da pessoa, se realizam um acolhimento e escuta a este idoso, ou se somente estão lá para cumprir com as suas obrigações. Ainda, é de conhecimento que a instituição não é a única responsável em proporcionar uma qualidade de vida à pessoa idosa, há outros atravessamentos por trás disso, como por exemplo, a sua história de vida e como a mesma lida e enfrenta esta questão. Além disto, a questão familiar, o trabalho, entre outros fatores biopsicossociais. O que não se pode confundir através dos relatos das pessoas entrevistadas em relação à qualidade de vida presente no local, é que algumas atividades que desenvolviam antes de serem institucionalizadas, no momento não realizam mais em decorrência de o local possuir as suas regras e normas. Assim, outro fator que foi levado em consideração foi saber o que os institucionalizados costumam fazer neste local.

A. 75 anos relata que *“eu não fiz nada ali, televisão não gosto muito, não gosto de ler jornal. Bingo gosto, pintar não gosto”*. Outra fala referente ao que costumam fazer neste local é de L. 76 anos:

“Levanto de manhã, a gente se arruma, vai pro café, depois do café vai para a sala e assiste televisão. As vezes tem o jogo de loto, o bingo que a gente joga. Eu era acostumada, segundas jogava canastra, quarta jogava loto, sexta jogava pife, fim de semana ia no baile dos idosos, dançava tudo, aqui não danço. Aqui no meu aniversário esses dias, eu e a dona H. dançamos uma pecinha, eu adoro fazer isso daí”.

Ainda, I. 80 anos relata que: *“Ahh, eu to fazendo um crochê pra dona H.. É uma toalha redonda, já fiz uma e ela quer mais um. Tem as músicas, cantos, terças, quartas e quinta. Gosto de cantar, jogo o bingo e tudo que envolve isso é tudo junto”*.



Conforme as falas das entrevistadas, foi possível observar que o local oferece atividades semanais, como por exemplo, o jogo de bingo e canastra, momentos de músicas, cantos e pintura. Atividades como essas tem por objetivo criar uma rotina, desenvolver a autonomia dos institucionalizados, trabalhar com o estímulo da memória, coordenação motora e cognitiva, estabelecer vínculos, proporcionando a interação social, caracterizando fatores que auxiliam na longevidade (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021).

As pessoas idosas muitas vezes desacreditam-se de si mesmas, se impossibilitando de desenvolver atividades que desenvolviam quando jovens, muitas vezes desencadeando um adoecimento mental por ter tido em sua vida uma perda significativa, ainda passando por um processo de luto. Já outras pessoas encaram e enfrentam essa fase da vida como estações que devem viver não desacreditando em si mesmas, não deixando de lado o seu desejo, não perdendo a sua própria identidade.

Assim sendo, Goldenberg (2015) descreve:

Continuam cantando, dançando, criando, amando, brincando, trabalhando, transgredindo tabus etc. Não se aposentaram de si mesmos, recusaram as regras que os obrigariam a se comportar como velhos. Não se tornaram invisíveis, apagados, infelizes, doentes, deprimidos (GOLDENBERG, 2015, p.12).

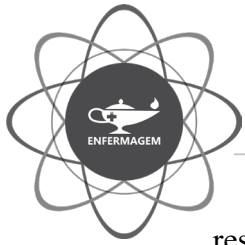
Diante do trecho da autora Goldenberg (2015), foi possível observar que L. 76 anos “continua dançando”, isto significa que a mesma não se aposentou de si mesmo. Mesmo ela tendo que aceitar as regras que a instituição lhe impõe, busca não deixar as suas vontades de lado, mantendo a sua identidade. Será que podemos dizer que L. vive “a bela velhice”?

O ser humano começa a criar a sua história de vida desde a fase infantil, seja de maneira consciente ou inconsciente, mas dá início a essa criação a partir do momento que começa a vivenciar situações voltadas a sua vida. No entanto, as pessoas que residem na ILPI, carregam consigo uma história de vida, a qual possui uma longa trajetória, seja ela positiva ou negativa, mas que ambas possuem marcas, marcas as quais são lembradas ou apagadas de suas memórias (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021).

Então, buscou-se tomar conhecimento do que estas pessoas idosas faziam antes de serem institucionalizadas. L. 76 anos relata que:

“Eu trabalhei 21 anos em uma empresa (...). Trabalhei 10 anos na S. C., sempre trabalhei e quando eu me aposentei trabalhei na (...). Eu largava e dispôs eu ia ali na minha filha ajuda ela ainda, faze docinho, salgado. Ai em casa eu limpava a minha casa, lavava a minha roupa, fazia tudo. Tenho três filhos, duas meninas e um guri, tinha outro que é falecido já, dia 4, um já faleceu faz 48 anos, nenezinho, 2 meses, deu desidratação aguda. Se pudesse trabalhar ainda, ainda ia trabalhar, eu gosto, adoro. Eu disse ainda esses dias, tentando ajudar a tratar os veinhos, gostava né, mas eles tem os cuidador, me sinto bem”.

Diante da fala de L., observou-se que mais uma vez está presente a questão das perdas, quando a mesma relata a perda de seu filho ainda criança e a perda da sua autonomia por ter pessoas que realizam as atividades para ela na ILPI. Ainda, observa-se que a entrevistada passa por um processo de luto, em função de apresentar o desejo de ainda realizar as atividades que realizava antes de ser institucionalizada, mas como a mesma relatou, no momento não é possível.



Antes de ser institucionalizada, tinha uma vida ativa em relação ao seu trabalho, afazeres domésticos e ainda auxiliava a sua filha na produção de doces e salgados. De repente tudo muda, o cenário de vida se modifica se aposentou no trabalho e quando se dá conta, na instituição está. Esse processo de mudança de rotina, de vida, muitas vezes de falta de escolha mexe com estruturas do sujeito sem que ele muitas vezes se dê conta de tudo que está acontecendo ao seu redor, e quando se dá conta, talvez tenha adoecido mentalmente (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021).

Quando ocorre a institucionalização, pode sim acontecer do sujeito que lá habita vir a obter mais uma perda em sua vida, a “perda” da sua identidade, pois neste local vivem muitas pessoas. No entanto, o sujeito não é olhado de forma subjetiva e sim de forma como todos os outros institucionalizados são olhados (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021). Neste caso, o sujeito pode começar a “perder” a sua identidade, pois o mesmo precisa também conviver com pessoas que nunca viu antes em sua vida, bem como se adequar às normas da ILPI, tendo que deixar de lado o que fazia dentro da sua “própria” instituição, sendo a sua vida e o seu lar. Quem antes regia uma instituição, hoje a compõem esta instituição, esta casa lar. I. 80 anos relata que:

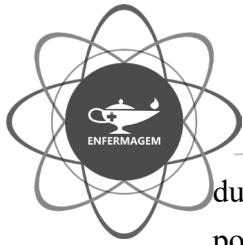
“Ah, eu era costureira, eu me aposentei e depois eu fiz artesanato, por isso que eu já fiz os papais noéis, os coelhinhos da minha cidade (...). Eu fazia os pequenos primeiro, para mim, pra colocar na casa. Aí eles queriam fazer para colocar nas bicicletas e assim. Aí eu disse assim então, comprem tudo e nós vamos fazer (...). Eu fazia para as outras cidades, mas depois eu parei. Era uma satisfação eu fazer isso, isso tudo.”

Conforme a fala de I., mais uma vez fica visível a questão autonomia, configurando-se de forma indireta, tendo em vista esta questão através da fala da entrevistada em que era uma satisfação fazer isso.

Ainda, foi possível visualizar nas falas das entrevistadas a questão familiar, em que algumas possuem filhos e outras não. Das cinco pessoas entrevistadas, três delas possuem filhos e as outras duas não possuem. Posto isto, as entrevistadas possuem um perfil de vida diferenciada umas das outras em relação ao seu contexto familiar, mas adquirem um fator em comum que é que cada entrevistada possui uma história de vida, seja ela, sozinha, acompanhada e até mesmo a sua família. O envelhecer humano partilha distintas experiências que são alavancadas pelo contexto culturas e as vivências que o indivíduo agrega ao longo da jornada vital e cujos traços podem diferenciar ou aproximar os sujeitos nesta fase (BRITO; KARNIKOWSKI; OLIVEIRA, 2021).

4 CONCLUSÃO

Observou-se que todas as entrevistadas em algum momento de suas falas, apresentaram o sentimento de perda, comum nesta etapa da vida, algumas ainda passando pelo processo de luto acompanhado de um sentimento de solidão. Ainda, é válido levar em consideração que cada sujeito possui uma perspectiva de vida e um olhar diferente ao do próximo. Dessa forma,



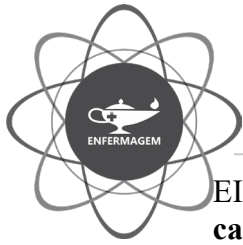
duas pessoas podem possuir a mesma qualidade de vida, com os mesmos recursos disponíveis, porém, cada pessoa encarará de uma maneira, seja ela com certa leveza ou não.

Cada sujeito é constituído por si mesmo, é próprio a sua subjetividade e a sua essência. Não é possível exigir de uma pessoa um ritmo de vida pelo qual eu desejo, pois ela caminhará conforme o seu ritmo. Em referência as pessoas idosas que lá vivem, as mesmas se encontram em boas condições de vida, tendo as suas necessidades satisfatórias atendidas. O local proporciona ao institucionalizado uma qualidade para viver que prolongue a vida desta pessoa da melhor maneira possível.

Ainda, levanta-se a necessidade de pensar em longo prazo, construir um local e criar um espaço com oficinas terapêuticas semanais, tendo como objetivo preservar e auxiliar na saúde mental dos idosos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Lara Melo. *et al.* Perfis de integração social entre idosos institucionalizados não frágeis no município de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2017-2030, 2020.
- BARDIN, Laurence. A análise de conteúdo e a linguística. In: Laurence Bardin. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, p. 49-50, 2016.
- BRASIL. “Taxa de suicídio é maior em idosos com mais de 70 anos”. In: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/29691-taxa-de-suicidio-e-maior-em-idosos-com-mais-de-70-anos>. Acesso em: 03 mai. 2020.
- BRASIL. **Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 03 mai. 2020.
- BRASIL. **Portaria n.º 810, de 22 de setembro de 1989**. Aprova normas e os padrões para o funcionamento de casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições destinadas ao atendimento de idosos, a serem observados em todo o território nacional. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1989/prt0810_22_09_1989.html. Acesso em: 02 mai. 2020.
- BRITO, Maria Ivoneide Lima; KARNIKOWSKI, Margô Gomes Oliveira; OLIVEIRA, Zaíra Nascimento. A educação superior no Brasil e o envelhecimento populacional: cenários e desafios. **Revista Eixo**, v. 10, n. 3, p. 72-83, 2021.
- CORTELLETTI, Ivonne.; CASARA, Miriam Bonho; HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. **Idoso Asilado: um estudo gerontológico**. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2004.
- DIOGO, Maria José D’Elboux. **A dinâmica dependência-autonomia em idosos submetidos à amputação de membros inferiores**. Ver. *Latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v.5, n.1, p. 59-64, janeiro 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v5n1/v5n1a07.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.



EIZIRIK, Cláudio Laks. A velhice. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, Cap. 16, p. 227-240, 2013.

FALCÃO, Deusivania Vieira Silva.; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes. Bem-estar subjetivo de Idosos Residentes em Instituições de Longa Permanência. In: KHOURY, H. T. T. *et al.* **Psicologia do envelhecimento**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2011. 2ª edição. Cap. 6, p. 103-118.

FARIAS OLIVEIRA, Isabelle *et al.* Promoção de saúde, educação e qualidade de vida para os residentes e cuidadores de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI): um relato de experiência. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 6, p. 19665-19671, 2020.

GOLDENBERG, Mirian. A bela velhice. **A bela velhice**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, Cap. 1, p. 11-24, 2015.

GRÜN, Anselm. Aceitação de sua própria existência. **A sublime arte de envelhecer**. Petrópolis: Vozes, Cap. 2, p. 23-40, 2008.

GUELLI, Mariana Sandoval Terra Campos *et al.* Saúde mental em Instituições de Longa Permanência para Idosos no contexto da pandemia covid-19. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 17, n. 2, 2020.

JUSTO, Ana Maria; SANTOS PETERLE, Thiago Santos. Quem cuida dos idosos? Narrativas de cuidadores formais em ilpi. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 25, n. 3, 2020.

MICHAELIS DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Significado do envelhecimento**. 2020. Editora Melhoramentos LTDA. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/envelhecimento/>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

MUCIDA, Ângela. A escrita no corpo e seus destinos. **Escrita de uma memória que não se apaga - Envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, Cap. 3, p. 71-84, 2009.

MUCIDA, Ângela. A velhice e o real. **O Sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice**. 2ª edição. Ver. – 3 Reimp. – Belo Horizonte: Editora Autêntica, Cap. 4, p. 127-177, 2018

OLIVEIRA, Larissa; GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Depressão em idosos institucionalizados: uma revisão de literatura. **Revista JRG De Estudos Acadêmicos**, v. 3, n. 6, p. 110-122, 2020.

STROPARO, Telma Regina; EIDAM, Fabiele; CZAIKOVSKI, Maria Luiza. Custos em Instituições de Longa Permanência de Idosos (ILPI): significações e repercussões na qualidade de vida dos idosos institucionalizados. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 47956-47970, 2020.

Recebido em: 05/02/2022

Aceito em: 05/06/2022

Publicado em: 06/2022